

Ancestralidade e Memória: Pai Henrique e o Mapeamento de Religiões Afro-Brasileiras em Juazeiro - BA.¹

Álison Ferreira de FRANÇA²

Andréa Cristiana SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO

Este artigo analisa as materialidades comunicacionais a respeito das religiões de matriz africana em Juazeiro (BA) a partir da documentação catalogada pelo Acervo Maria Franca Pires, localizado no Departamento de Ciências Humanas (DCH III), da Universidade do Estado da Bahia. Foi realizada pesquisa qualitativa de natureza documental a partir dos documentos: entrevista publicada na imprensa, fotografias e cadernos manuscritos sobre Pai Henrique, uma das lideranças religiosas de matriz do Candomblé na cidade no século passado. Verificou-se ainda os textos manuscritos que documentam a existência de outros terreiros na cidade durante as décadas de 1970 e 1980.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Memória; Religião; Terreiros; Pai Henrique.

INTRODUÇÃO

O Acervo Maria Franca Pires, localizado no Departamento de Ciências Humanas, no Campus III da Universidade do Estado da Bahia, em Juazeiro, guarda uma vasta coleção de materiais que remontam às materialidades comunicacionais e históricas referentes à memória cultural da cidade no século XX. Catalogados pela professora primária Maria Franca Pires (1915-1988), o acervo contém jornais, revistas e fotografias, gravações de entrevistas (áudios), cartazes e cadernos manuscritos, que ajudam a compreender aspectos históricos e marcos culturais existentes na cidade de Juazeiro (BA), Petrolina (PE) e Remanso (BA).

Entre os materiais guardados dentro do acervo, estão presentes arquivos que remontam a participação ativa dos moradores da cidade em festividades e rituais ligados ao Candomblé e religiões de matriz africana no Brasil. Bairros como Quidé, Tabuleiro e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Religiões, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, e-mail: alisonfefra@gmail.com

³ Professora do Departamento de Ciências Humanas – DCH da Universidade do Estado da Bahia e sublíder do Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade e Desenvolvimento, e-mail: andcsantos@uneb.br.

Piranga despontaram como os principais lugares onde se encontravam esses terreiros em Juazeiro, principalmente por se tratarem de bairros periféricos, sem acesso às políticas públicas de iluminação, saneamento básico e infraestrutura (Santos, 2018. p.120).

Não obstante, foram nesses bairros que proliferam as manifestações religiosas de matriz africana, majoritariamente ocupadas pela população negra da cidade. Uma das principais lideranças, Henrique Pereira Gomes, conhecido como Pai Henrique, pai de santo e líder do terreiro Ogum Roxo Macumbo, personalidade que constantemente esteve na mídia e sempre foi reconhecido como referência e um dos mais antigos seguidores da religião afro-brasileira na cidade (Santos, 2018).

Durante a década de 1970, a professora Maria Franca Pires iniciou uma pesquisa acerca dos terreiros de Candomblé e Umbanda existentes na cidade, com o objetivo de identificar e demarcar o que era feito dentro desses espaços. Em sua pesquisa, ela fez inventário de 10 centros religiosos, com informações sobre a localização, calendário de celebrações, linha de trabalho, lideranças religiosas e as entidades às quais faziam culto. Diante da importância de reconstituir a trajetória desses centros, este artigo analisa as materialidades comunicacionais a respeito das religiões de matriz africana em Juazeiro (BA) a partir da documentação catalogada pelo Acervo Maria Franca Pires.

METODOLOGIA

Foi realizada pesquisa qualitativa de natureza documental a partir da documentação impressa. A finalidade é analisar o material catalogado dentro do Acervo Maria Franca Pires, como matérias jornalísticas encontradas no jornal *Rivale* - Renovação e Integração e cadernos manuscritos, que se referem a trajetória biográfica de Pai Henrique e o terreiro Ogum Roxo Macumbo na cidade baiana. Também são analisados os cadernos manuscritos que se referem aos outros centros de matriz africana e indígena no município.

PAI HENRIQUE E O TERREIRO OGUM ROXO MACUMBO

Nascido Henrique Pereira Gomes, natural de Remanso - BA, foi popularmente conhecido como Pai Henrique, mas dentro do terreiro a qual fazia parte se nomeava

como “*dijina*”⁴ Quibeçô de Umzambi. Adepto do candomblé desde 1947, foi o Babalorixá⁵ do terreiro Ogum Roxo Macumbo, situado no bairro Quidé, em Juazeiro, região norte da Bahia. O terreiro tinha cerca de 80 participantes, que vinham de localidades de Juazeiro, Remanso, Pirapora (MG) e São Paulo (SP).

Em entrevista ao jornalista Izamar, do jornal *Rivale*, Pai Henrique deu informações sobre sua iniciação dentro do movimento, ocorrida após ter sido acometido por uma doença que não encontrou cura dentro da medicina tradicional. Foi então que começou a receber sinais e manifestações dentro da sua casa, algo que não conseguia entender, e, segundo ele, foi durante essas manifestações que os orixás se mostraram presentes dentro da sua vida.

Fig. 1: Pai Henrique presente em festa de São Cosme e Damião de 10 de setembro de 1977



Fonte: Acervo Maria Franca Pires.

Em seu terreiro, o Orixá era Ogum Roxo Macumbo, O Adjunto⁶ era Oxum e o Caboclo⁷ era Siltão das Matas, além do seu “Erê”⁸ Cosme, que era conhecido como Robertinho. Mantinha dois Ogans⁹ e Alabês¹⁰, Alejuamim de Omolu e Alaguefam de

⁴ Nome ritualístico, proveniente de um orixá, dado aos iniciados na Umbanda e outras nações.

⁵ Grão-sacerdote. Pai-de-Santo. Chefe de terreiro de Umbanda. Sumo sacerdote.

⁶ É um orixá que acompanha e complementa o orixá que está à frente.

⁷ Os caboclos são espíritos guias das raças ameríndias, os quais não têm nenhum impedimento em baixar nos terreiros ou tendas de Umbanda.

⁸ É conhecido entre os africanos como um espírito supremo e infinitamente bom, mas que nunca encarnou.

⁹ É um cargo masculino, dado para aqueles que não são tomados por entidades, podendo cumprir diferentes funções dentro da casa.

¹⁰ É o nome do chefe dos tambores que dirige a música durante a sessão. É também assim chamado o chefe dos músicos do terreiro.

Oxalá. O Pai de Santo também foi o responsável por “dar o direito” a outros Babalorixás e Ialorixás¹¹ que atuavam na cidade.

A entrevista concedida ao jornalista Izamar, no Rivale, funcionou como um conjunto de informações sobre a religião a serviço da população. Considerando a data de publicação do texto, os tipos de perguntas que foram feitas e que se tratava de uma cidade interiorana, as informações funcionaram como um meio de desmistificar pré-conceitos e sanar dúvidas acerca dos conteúdos, termos e celebrações que permeiam tal assunto.

O acervo contém 5 imagens de um ritual de celebração no terreiro Ogum Roxo Macumbo. As imagens, que também compõem o acervo, mostram as celebrações feitas por Pai Henrique dentro do seu terreiro. São fotografias que revelam o empenho do Pai de Santo em manifestar a sua fé dentro do seu espaço, através das vestimentas apropriadas ao culto, a maioria com roupas brancas, e a presença majoritária de mulheres. Na documentação do acervo, infelizmente não há identificação dos adeptos da religião, sendo necessário um trabalho de história oral para reconstituir o cenário e os personagens em cena.

Fig. 2: Festa de São Cosme e São Damião no Quidé. 10 de setembro de 1977



Fonte: Acervo Maria Franca Pires.

Assim como para o *Rivale*, Pai Henrique concedeu uma entrevista para compor o inventário feito pela professora Maria Franca Pires em seus cadernos manuscritos. O

¹¹ É a designação dada à mãe-de-santo. Sacerdotisa de um terreiro.

objetivo da professora era catalogar informações sobre o que acontecia dentro do terreiro Ogum Roxo Macumbo. No manuscrito, é feito um mapeamento de todas as celebrações que aconteciam durante o ano dentro do centro religioso e suas respectivas datas. Além disso, Maria Franca Pires buscou informações sobre a biografia do religioso, como nome dos pais, Inocêncio Pereira Gomes e Maria Leôncia Gomes, outras ocupações fora do terreiro, como trabalho de alfaiate, terra natal e a quanto tempo residia em Juazeiro, 25 anos na época em que a entrevista foi feita.

Tais informações ajudam a compreender a importância de demarcar a memória existente de determinados lugares, tradições e costumes, a partir da escrita de si e testemunhos relatados aos historiadores e/ou jornalistas que também narram os acontecimentos históricos. A historiadora Ângela de Castro Gomes (2004) considera que narrativas produzidas pelos sujeitos permitem identificar experiências múltiplas e fragmentadas, cujos sujeitos percorrem labirintos, alteram os seus trajetos, modelam e conformam a sua existência em variadas temporalidades.

Dessa forma, as materialidades comunicacionais encontradas sobre Pai Henrique falam sobre si, bem como da religiosidade de matriz africana como parte da memória coletiva. Essas materialidades se fazem presente no mapeamento dos 10 centros religiosos existentes na década de 1970 e 1980 feito por Maria Franca Pires. Nos cadernos manuscritos à mão, há informações sobre os adeptos da prática, lideranças, descrições de cerimônias e listas das entidades e manifestações pertencentes ao Candomblé e a Umbanda. Dentre os materiais recolhidos para o acervo Maria Franca Pires, identifica-se: o Terreiro de Oxalá, do bairro Tabuleiro - Juazeiro, liderado pela Ialorixá Josélia Carlos de Almeida, conhecida como Neném, uma das mais conhecidas Mãe de Santo de Juazeiro. Dentro do centro se destacavam as seguintes obrigações do candomblé: Oxalá, a cada 13 de maio; e Oxumarê, jogos com água onde todos se curvam e molhavam as mãos.

Centro São Jorge, seguia a linha da Umbanda, localizado no bairro Tabuleiro, Juazeiro. Era liderado por Geraldo Martins da Cruz e tinha como Chefe Espiritual Rei Caetano, entidade indígena. As práticas religiosas que aconteciam no centro anualmente eram: São Jorge (23 de Abril); Santo Antônio (13 de junho); Cosme e Damião (27 de setembro); Oxum e Rei Marinho (8 de dezembro).

O Terreiro Lagoa do Leite seguia a linha do Candomblé. Foi liderado por Maria de Oliveira, conhecida popularmente como Neném Cardoso. Entre as celebrações realizadas em seu centro, se destacavam as festas a Oxum (08 e 12 de maio) Oxalá (12 e 27 de maio) e manifestações realizadas semanalmente, às segundas acontecia a “Pipoca a Omulu” e aos sábados às rezas do Ingorossi.

Além dos mencionados, outros cadernos manuscritos trazem informações sobre as celebrações de religiões de matriz africana e indígena em Juazeiro, que demonstra o empenho da professora Maria Franca Pires em demarcar a história cultural da cidade a partir das mediações religiosas de matriz africana e indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar os vestígios da cultura africana na cidade, Maria Franca Pires ajudou a construir a memória histórica da cidade, transformando os registros em materialidades comunicacionais. O material disponível dentro do acervo destaca-se como uma fonte para pesquisadores e jornalistas, que se encontra disponível para visitação presencial e consulta online via blog projetomariafrancapires.blogspot.com/ e instagram @acervomfp. O registro contribui para uma datação de um tempo vivido por homens e mulheres, cujos nomes precisam ser rememorados no tempo presente.

REFERÊNCIAS

SANTOS, M. R. dos. (2018). **À sombra das árvores dos terreiros, caminhos e histórias se cruzam:** relatos de ocupação do Bairro do Quidé em Juazeiro - Bahia (1960-1970) . Revista Escripturas, 2(1), 117–135. Disponível em: <https://periodicos.upe.br/index.php/revistaescripturas/article/view/234> .

IZAMAR. **Entrevista com Pai Henrique**, Bahia, 16-17 de março. 1974. Internet. Disponível em: <https://projetomariafrancapires.blogspot.com/2023/07/cultura-ancestralidade-e-cultura.html?m=1> . Acesso em: 02/05/2025

PINTO, Altair. **Dicionário da Umbanda:** Pequeno vocabulário da língua Yoruba. Brasil, Editora ECO, 2017.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004. P. 7-24.